

A pau a pedra a fogo a pique: Dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski. Marcelo Sandmann (org.). Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 2010.

Leminski em alta

Rosimar Araújo Silva ¹

A pau a pedra a fogo a pique: Dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski foi lançado no final de dezembro de 2010, através da Secretaria de Estado da Cultura do governo do Paraná e sob a organização de Marcelo Sandmann. Vale dizer que o título traz em sua primeira parte versos do próprio Leminski, de *Caprichos & Relaxos* (1983), que remetem à urgência de um projeto de escrita poética em se comunicar. Depois de vinte anos da morte desse artista curitibano (1944 - 1989), esta publicação oferece uma releitura de sua variada produção, agora mais distanciada, de uma forte tendência mitificante do poeta, embora essa questão ainda apareça pela figura do artista erudito e genial que soube subverter crítica e criativamente a tradição.

O livro consta de dez ensaios em torno da poesia, da prosa de ficção, da tradução e da produção crítica do poeta. No prefácio, Sandmann explica que “apesar de redigidos por nomes do meio acadêmico, e trazerem algumas marcas características do ensaísmo universitário, são diversos entre si em seus estilos, nos modos de operar e na avaliação que fazem da obra de Leminski” (2010, p.10).

O primeiro ensaio é de Adalberto Müller e se chama “*Make it news: Leminski, cultura e mídia*”, no qual irá mostrar como o escritor buscou outros “ventos estéticos” após ter iniciado na poesia de vanguarda, em 1964. O que o ensaísta vai chamar de “virada” - a transição do concretismo para uma poesia com dicção cultural midiática - terá como marco a publicação do livro *Caprichos & Relaxos*. Nele, Müller revisita aspectos que revelam a forte presença de marcas da canção popular em sua poesia, bem como de técnicas da publicidade, considerando-a uma estratégia para promover “a inserção pensada dentro do mundo das

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (Bolsista/ Capes), sob a orientação da Prof^a Dr^a Celia Pedrosa.

mídias” (p. 19). E o que se conclui de todas as sacadas e articulações então operadas, como também a sua adesão à poesia do Oriente, por exemplo, é a percepção de que se trata de um poeta pós-moderno.

Em “‘E descobrir a América’: Paulo Leminski sob a ótica da poética transamericana”, Charles A. Perrone traz para a cena um conceito da literatura comparada na América. É justamente pela multiplicidade de projetos e pela abertura ao mundo que o ensaísta confere ao poeta um lugar nesse espaço e, para isso, vai abordar poemas indicadores dessa tendência. Sua proposta é mostrar de que maneira Leminski projeta em poemas em português, espanhol e inglês, a intertextualidade com letras do rock e com outras manifestações de viés histórico-cultural, presentificadas em versos como: “en la lucha de clases/ todas las armas son buenas/ piedras/ noches/ poemas” (p. 40), de *Caprichos & Relaxos*. Em textos recolhidos aqui e ali de sua obra vão aparecer reflexos dessa temática transamericana, como no ensaio em que o poeta discute a quase incontornável utilização da língua inglesa no panorama cultural ou em trechos das cartas que escreveu a Régis Bonvicino, entre os exemplos.

Paulo Franchetti mostra, no ensaio “Paulo Leminski e o haicai”, como, partindo do contexto estético do concretismo, o poeta vai chegar aos haicais. Diferentemente da poesia concreta, que utiliza o haicai como composição ideográfica, Leminski vai além e tenta sobrepor a esse aspecto o apelo zen como indicação de um caminho de vida. Segundo Franchetti, a experiência do haicai parece resultar “num elemento central para a definição do seu caráter particular” (p. 65). Há aqui uma especial atenção à cultura japonesa e seus conceitos estéticos, embora o texto aponte no trabalho do poeta uma “forma particular de haicai” que ultrapassa tal herança ganhando o alcance da indústria cultural, onde se encontra com práticas difundidas por Millôr Fernandes, entre outros, desde meados dos anos de 1950.

O texto de Ivan Justen Santana e Caetano Waldrigues Galindo vai tematizar o trabalho de tradução do poeta, prática que se tornou um dos seus ofícios pela aproximação com o grupo Noigandres, com quem iniciou a sua trajetória artística. Em “James Paulo Joyce Leminski”, os autores vão percorrer os escritos leminskianos, identificando os traços que remetem à liberdade criadora de Joyce no seu *Catatau*, de 1975, e na própria tradução feita por ele de *Giacomo Joyce*, lançada em 1987, pela Editora Brasiliense. E vão averiguar como Leminski opera de forma consciente sobre a linguagem joyceana, na tentativa de recriá-la através de seu “ouvido de poeta”.

No ensaio seguinte, “O raro do reles: Um latim de bandido”, Guilherme Gontijo Flores explora como Leminski utiliza outras línguas, em especial o latim, para escapar do provincianismo, o que acabou lhe conferindo também a imagem de um poeta que transita entre o erudito e o marginal. Em diversos poemas, Gontijo vai verificar as recuperações etimológicas, tanto as verdadeiras quanto as inventadas pelo poeta, bem como analisar nas recriações e no jogo etimológico o que chamou de “poética da desleitura”. É pela aposta do escritor em ver “nos riscos de desvio e até o erro como uma possibilidade programática” (p. 119) propícia à criação artística, que o ensaísta vai associar a prática tradutória à dicção leminskiana.

Em “Ler pelo não: A tradução nos vãos do dito”, Mauricio Mendonça Cardoso retoma essa prática do poeta numa abordagem mais ampla que propõe fazer “um retrato do artista enquanto dito” procurando mostrar “um pensamento leminskiano sobre tradução”. Em cada um desses textos – material crítico, biografias e poemas – o ensaísta analisa as articulações feitas pelo escritor em nível de tradução, de leitura e de interpretação a fim de abrir outras perspectivas de discussão, diferentes das já consagradas pela crítica corrente. Uma delas é a ideia de apropriação explicitada no exercício de biógrafo em *Cruz e Sousa - O negro branco* (1983) e *Jesus a.C* (1984), e que traz para a cena o ato de traduzir como um movimento de apropriação do outro, “como um gesto em que o poeta se constrói em face do outro: constrói-se (n) um outro” (p. 155). E através dos livros de poesia: *Caprichos & Relaxos*, 1983; *Distraídos Venceremos*, 1987; e os póstumos *La vie en close*, 1991 e *O ex-estranho*, 1996, o ensaísta vai apontar questões levando em conta todas as possibilidades de *leitura pelo não* que o projeto de Leminski dá a ver.

No sétimo ensaio do livro, Luís Bueno propõe a única leitura do volume que enfatiza a prosa de ficção de Leminski. “Andar no mato de olhos fechados: Uma leitura de *Agora é que são elas*” inicia-se com questionamentos sobre o que vem a ser poesia marginal, enfocando a aproximação entre poesia e vida por ela promovida em contraponto aos preceitos do próprio universo da literatura. Tudo isso para mostrar como Leminski associa o seu *Agora é que são elas* ao que considera um dilema entre literatura e vida, e como são equacionadas vida e estrutura nessa narrativa. O ensaísta analisa a forma como Leminski se apropria da *Teoria dos contos de magia e as 31 funções dos seus personagens*, de Vladimir Propp, convertendo-as em uma terapia psicanalista com o aspecto de uma “teoria sobre o funcionamento da vida

humana”, segundo Bueno (p. 181). O texto leminskiano conseguiria, então, constituir-se num romance que enfoca os *“por que e pra que se vive”*, dando a ver um livro sobre a vida que surpreende o leitor pela subversão na literatura das expectativas romanescas.

O ensaio a seguir é de autoria de Marcelo Sandmann e vem pensando na aproximação da canção popular à literatura ao tratar de sua manifestação nos anos 60 e 70. Em “‘Na cadeia de sons da vida’: Literatura e música popular na obra de Paulo Leminski”, o ensaísta vai mostrar como a produção musical brasileira da época, por seu caráter impuro e híbrido, promoveu muitas parcerias na cultura letrada. E Leminski esteve sempre muito próximo à canção popular, não só como compositor de diversas parcerias musicais, mas também porque soube aproveitá-la em sua poesia, deixando-a circular livremente por entre os versos, numa forma de ir além da literatura, conforme ele próprio considera em cartas e ensaios. Sandmann reforça a ideia da música como uma estratégia usada por Leminski para inserir a sua produção num contexto mais amplo.

Por sua vez, Susana Scramim, em “Paulo Leminski e o Simbolismo”, evita passar pelo lugar comum da reivindicação desse estilo na produção artística do Paraná e do poeta. Introduce o ensaio com o percurso da poesia moderna desde o final do século XIX, apontando as tensões encontradas. Apoiada em uma reflexão de peso, como as de Giorgio Agamben, Germano Celant e Raul Antelo, Scramim vai buscar as questões candentes, como a interdição da passagem entre o político e o sagrado, por exemplo, no intuito de analisar o atrito do poeta com a estética. Falar de Simbolismo é necessariamente pensar a modernidade em que está inserido, e é isso o que ela faz. Tudo para mostrar a sobrevivência da poesia de Dario Vellozo e Cruz e Sousa na prática de Leminski. A ensaísta persegue o caminho trilhado pelo poeta em seu trabalho com o símbolo, que se pauta na ideia de uma instância presentificada em potência, como um germe, bem como configurada no constante deslocamento entre linguagem e vida. Daí a autora definir tal prática como uma “verdadeira zona franca do pensamento e da arte” (p. 235).

No último ensaio, “O pensamento críptico: Peripécias de um poeta à procura dos sentidos”, Rita Lenira de Freitas Bittencourt vai destacar o poeta-ensaísta-crítico, sem deixar de valorizar a postura contraditória de Leminski ao enunciar paradoxos, levantar polêmicas e provocar reflexões. Por esse motivo, a autora objetiva rastrear algumas marcas de sua crítica, levando em conta “a configuração tensa de um pensamento mais para críptico do que para

crítico” (p. 246), conforme denominou o próprio poeta. Cuidadosamente, a ensaísta vai pontuar situações e questões relevantes para entender o poético, nos textos variados e na relação pensada entre eles, tentando revelar essas marcas. As publicações em análise são de *Anseios Crípticos: Anseios Teóricos*, de 1986 e *Anseios Crípticos 2*, de 2001, que passam por uma investigação em torno do sentido ao qual o poeta se refere no prefácio do primeiro livro. Reflexões de Leminski ou sobre ele em textos dispersos também não faltam por aqui. Bittencourt situa determinados pensamentos e acaba captando os atritos produzidos nesses textos, como o configurado entre a estrutura e o acaso ou no aceite das estéticas através do anacronismo das formas no trato com os haicais, contrapondo a crítica de certas posturas estilísticas ao seu humor cáustico.

Após vinte anos de quase silêncio, em termos de publicações da crítica, esta vem de novo dar enfoque à figura polêmica e instigante de Leminski, evidenciando o quanto ainda se pode mobilizar a partir de seus projetos de arte e cultura. O livro revê o contexto artístico-literário em torno do escritor, reforçando reflexões já consolidadas sobre a sua poética, mas não deixa de apontar outras possibilidades de análise. Interessante mostrar que os ensaios acabam convergindo para um mesmo foco de estudo: ler Paulo Leminski sob o signo do poeta pós-moderno, em contato com diferentes áreas de produção e aberto à mistura sempre radical de referências diversas de leitura. Enfim, esse trabalho de retorno à obra leminskiana, agora sabemos, acabou antecedendo às novas publicações do próprio poeta que vieram em seguida.